



Chelsea FC/Divulgação

Para Ancelotti ver

João Pedro não marcava gols há 10 jogos e, ontem, desencantou na vitória do Chelsea por 1 x 0 sobre o Tottenham de Richarlison, concorrente pela camisa 9 da Seleção Brasileira, na 10ª rodada da Premier League. O técnico Carlo Ancelotti fará, amanhã, convocação para os amistosos contra Senegal e Tunísia, em 15 e 18 de novembro.

BRASILEIRÃO As táticas dos treinadores nas esferas pública e privada por respeito. Queixas passam pelo Congresso Nacional e serão debatidas nesta semana em fórum na sede da CBF



Estratégia política

MARCOS PAULO LIMA

Nem só de rabiscos táticos à beira do campo vivem os técnicos de futebol. As setas das pranchetas também apontam para estratégias políticas nas esferas pública e privada em defesa dos interesses profissionais. As movimentações ganham força no Congresso Nacional e serão debatidas na terça-feira em um fórum na sede da CBF, no Rio, com as presenças do presidente Samir Xaud e de Carlo Ancelotti.

Dos 20 clubes da Série A, 14 trocaram de técnico. Palmeiras, Flamengo, Cruzeiro, Mirassol, Bahia e Ceará resistem às 21 mudanças até a 30ª rodada. Tratados como produtos descartáveis, os donos de prancheta são representados pela Federação Brasileira de Treinadores de Futebol. A entidade esteve na Comissão do Esporte da Câmara dos Deputados na última terça discutindo a valorização e as condições de trabalho da categoria. A causa dos técnicos é apadrinhada pelos parlamentares Luísa Canziani (PSD-PR) e Orlando Silva (PCdoB-SP).

Recém-contratado pelo Red Bull Bragantino, Wagner Mancini representou a classe na Câmara e listou as queixas. “Estamos fragilizados. Perdemos o mercado internacional por uma manobra da Uefa. A entidade europeia passou a exigir uma licença que não tínhamos à época. Perdemos mercado no Brasil com a vinda dos estrangeiros, o que impactou nos últimos 10 anos”, diz o presidente da FBTF.

Antes das restrições, Vanderlei Luxemburgo trabalhou no Real

Madrid. A seleção de Portugal e o Chelsea contrataram Luiz Felipe Scolari. Zico comandou o Fenerbahçe da Turquia. Abel Braga comandou o Olympique de Marselha. Bordeaux e Monaco apostaram em Ricardo Gomes. Paulo Autuori escalou o tradicional Benfica.

A Europa se fechou, e o mercado brasileiro está aberto a profissionais importados. A Série A tem nove técnicos estrangeiros: seis argentinos, dois portugueses e um italiano. Diante disso, profissionais nascidos no país desbravam destinos alternativos. Tiago Nunes trabalha na LDU do Equador. André Jardine é amado no América do México. Sylvinho levou a Albânia à Euro e pode classificá-la à Copa do Mundo, depois de uma passagem frustrada pelo Lyon da França e da impaciência do Corinthians.

A pauta dos técnicos é extensa. Vai além da reserva de mercado. Líder da associação, Wagner Mancini cobra, por exemplo, direitos de arena. “O técnico participa das partidas, é obrigado a dar entrevistas, aparece constantemente durante o jogo, mas não está recebendo”, lamenta. Assessor especial da presidência da FBFT, o técnico Alfredo Sampaio endossa: “É uma conquista que os atletas têm, e o treinador também deve ser contemplado”.

Os jogadores desfrutam de 5% de direito de arena. Uma das ideias foi retirar 1% deles e repassá-los aos árbitros e aos técnicos: 0,5% para cada. A defesa dos atletas recusou, alegando ser um direito adquirido. Proibido de ser alterado.

Em 2021, a CBF limitou as trocas de técnico. Mesmo assim, houve 24

Pautas de reivindicação

8 diagnósticos da profissão elaborados pelo Sindicato de SP

- » **1. Insegurança trabalhista contratual**
O Brasil é o país com mais trocas de técnico por temporada. A duração média na Série A do Brasileirão é inferior a quatro meses no cargo. Predominam contratos frágeis e vínculos precários com o uso de modelos de prestação de serviço que driblam a CLT e a Lei Pelé.
- » **2. Ausência de representação institucional forte**
Apesar da excelência de sindicatos e da FBTF, a categoria carece de articulação nacional unificada. Os treinadores têm pouca participação nas decisões de federações e da CBF, o que limita a influência deles nas políticas do futebol brasileiro.
- » **3. Desvalorização cultural e midiática**
A pressão imediatista por resultados gera uma cultura de culpabilização do treinador. A mídia frequentemente personaliza o fracasso, ignorando os contextos estruturais e reforçando a instabilidade emocional e profissional do técnico.
- » **4. Formação profissional desigual**
O sistema de licenças da CBF Academy é um avanço, mas com alto custo e difícil acesso. Há falta de reconhecimento

- de formações acadêmicas alternativas e pouco incentivo à educação continuada ou intercâmbio internacional.
- » **5. Falta de planejamento e estrutura dos clubes**
Grande parte dos clubes não possui projeto técnico de longo prazo. A contratação do treinador ocorre de forma emergencial sem integração com uma diretriz esportiva consolidada.
- » **6. Limitações econômicas e desigualdades regionais**
A concentração de recursos nos grandes centros (SP, RJ, MG, RS) restringe oportunidades. No interior, a sazonalidade das competições resulta em meses sem renda para técnicos e comissões.
- » **7. Falta de política públicas específicas**
Não há política nacional de formação, certificação e inserção profissional de treinadores em diferentes níveis do futebol.
- » **8. Pressão psicológica e ausência de suporte**
A instabilidade profissional gera altos níveis de desgaste emocional. Poucos clubes oferecem acompanhamento psicológico ou condições estruturais adequadas para o desenvolvimento técnico.

alterações. Clubes e técnicos anunciavam o rompimento do contrato alegando “comum acordo”. Desmoralizada, a “lei” caiu em 2022.

A FBTF cobra a aplicação do tempo mínimo de acordo. “O contrato deveria ser de, pelo menos, 180 dias, para que o treinador tenha a possibilidade de planejamento e evite demissões precoces”, cobra Wagner Mancini. “Tenho companheiros de profissão demitidos com três jogos. Você muda a vida, transfere escola dos filhos, a família e perde o emprego”, testemunha o emocionado Alfredo Sampaio.

Os técnicos querem cadeira no STJD. “É fundamental a presença de um representante dos treinadores. Os clubes, atletas, árbitros, federações e a OAB são representados”, compara Wagner Mancini. “Isso é crucial, porque o treinador está muito exposto e sujeito a punições”, reforça Alfredo Sampaio.

Afastado da profissão para cuidar da saúde mental, Tite, ex-Seleção e Flamengo, foi citado indiretamente. “Há grande pressão sobre o treinador, 24 horas por dia. É necessário que haja preocupação para que os psicólogos dos clubes os atendam, e não apenas aos atletas”, adverte o profissional.

A pauta acrescenta o escanteamento de profissionais por idade. “Gostaria que o parlamento brasileiro analisasse a possibilidade de o etarismo ser considerado crime. Não pode um treinador ser punido e tirado do mercado por força da idade. Os treinadores mais experientes estão sendo rotulados de ultrapassados e velhos. Jovens, como Zé Ricardo e Mauricio Barbieri

estão perdendo espaço para estrangeiros e preteridos em outros países”, combate Alfredo Sampaio.

Inspiração portuguesa

Portugal é apontado como modelo de formação. Quatro das últimas sete edições da Libertadores foram conquistadas por técnicos do país ibérico: Jorge Jesus (2019), Abel Ferreira (2020 e 2021) e Artur Jorge (2024). Eles também conquistaram o Brasileirão.

Alfredo Sampaio esteve na Associação de Treinadores de Portugal. “Pude ver o quanto eles se desenvolveram. Muitos treinadores do nosso país são oriundos do campo (ex-jogadores) ou do curso de educação física. Só que a faculdade tem, em quatro anos, 40 horas aula de futebol. Você pode fazer uma especialização depois. Em Portugal, são dois anos de formação e mais seis meses de estágio. Você ainda sai com as licenças C e B da Uefa. Depois, faz os licenciamentos A e Pro por mais dois anos”, conta Sampaio, antes de apresentar um contraponto.

“Hoje, nós temos no Brasil cursos como o do Sindicato de São Paulo (Sitrefesp), pioneiro na capacitação; ou os da CBF, que são importantes, mas duram 15 dias. A gente não consegue formar. Temos que avançar na mudança da formação dos nossos técnicos e até mesmo na criação de universidades específicas para treinadores, como há em Portugal. Temos dois caminhos: institucional, em parceria com a CBF, ou por meio de lei”, recomenda Alfredo Sampaio.

Dança das cadeiras

Trocas de técnico na Série A na era dos pontos corridos

